



GALATO



PORTE
PAGO

Quinzenário * 27 de Abril de 1985 * Ano XLII — N.º 1073 — Preço 10\$00

Propriedade da Obra da Rua

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo



Há Povos parece que condenados à fatalidade de permanecerem pobres no meio de outras nações que não têm maiores recursos nem são constituídas por pessoas mais dotadas e no entanto progredem porque usam melhor a cabeça e preparam os seus filhos para o bom uso dela.

Educação e problemas sociais

Eu devo confidenciar — uma pequenina revelação de bastidores — que, muitas vezes, não sei que título dar ao que escrevo e confio ao Júlio Mendes o encargo de padrinho. Ele sai-se bem. Tanto que, me tendo perdido da meta pretendida no discorrer de há quinze dias, com esta epígrafe me recoloco exactamente na pista dela.

É que neste livro de António Sérgio chamado «Educação Cívica», nos encontramos com um pensamento a que há muito tempo a experiência da rua nos fez chegar: A miséria é, primariamente, um problema de educação.

A primeira pobreza de muitos Pobres é, na verdade, a falta de equilíbrio no uso de bens que sempre vão estando ao seu alcance; muitas vezes o pouco apego ao trabalho; e geralmente uma incapacidade grande para o trabalho organizado, para tudo que exi-

ja cooperação e disciplina.

Se juntarmos a isto o fraco sentido dos Outros, uma mentalidade débil acerca do Bem-Comum, bem a pôr, consciente e conscienciosamente, à frente dos bens individuais como a mais segura garantia destes — o que se diz dos indivíduos, pode dizer-se dos Povos. E, por isso, há deles parece que condenados à fatalidade de permanecerem pobres no meio de outras nações que não têm maiores recursos nem são constituídas por pessoas mais dotadas e no entanto progredem porque usam melhor a cabeça e preparam os seus filhos para o bom uso dela.

Vejamos as nossas Escolas, logradouros sempre insuficientes de multidões crescentes que as super-povoam porque ao fluxo

de chegada não corresponde um semelhante fluxo de saída, antes um constante entumescimento produzido pelos que reprovam e permanecem. Eu gostava de ter à mão o número de repetentes (alguns «profissionais» de repetência!) que entopem as nossas Escolas e lhes diminuem a rendibilidade.

Mas serão estes os principais culpados?

Ouçamos esta denúncia secular de Alexandre Herculano: «Questão imensa do sistema de instrução nacional que há-de ser o da instrução excepcional que foi e é; questão entre a educação e melhoramento dos agricultores, dos artífices, dos fabricantes, e a propagação dos causídicos, dos casuístas, dos pedantes; questão entre o trabalho e o ócio».

Que diria o Mestre, hoje, perante uma Escola que, eficazmente, mal ensina a ler, a escrever e a contar porque se faz esquecida de que a verdadeira aprendizagem se realiza na aplicação dos conhecimentos, nos exercícios práticos, que não apenas na mera aquisição de bases teóricas?! Que pensaria ele desta era do audiovisual, idólatra dos sentidos que são recipientes rotos, em detrimento da interiorização que digere o conhecimento e o fixa lá onde moram as faculdades intelectuais?!

A reforma escolar que Sérgio propõe («desparasitação dos portugueses com basearmos o ensino no trabalho produtor») «só terá longes de possível quando a empuxe uma necessidade sentida no espírito ambiente, neste nosso ambiente de preguiça velha, bafio de uma história façanhosa, de onde saía a criança, o seu papá e o seu mestre: e está ela portanto dependente de uma prévia revolução no espírito nacional. Els aí a dificuldade».

Eis o campo onde era mesmo precisa uma profunda revolução que rompesse o círculo vicioso e começasse a rectificação do sistema, de modo que a Escola não fosse mais «o que tem sido até agora: uma espécie de guichet adentro do qual o professor impinge, sob forma de conhecimentos, as senhas exigidas por um programa de habilitação do seu aluno

Cont. na 2.ª pág.

NOTAS DA QUINZENA

■ Urgente renascer! Eis a mensagem que uma avó nos envia lá dos confins da França:

«O meu coração está convosco nesta santa Páscoa. Agradeço a O GALATO a companhia e o calor que me tem dado.

Acabou-se a solidão.

Nasceu uma vida nova.

Junto 400 francos. São meus e de uma amiga por serviços rendidos a um casal de velhinhos de 85 anos. Aceitámos o dinheiro para não os ofendermos, mas pensamos logo enviá-lo a O GALATO.

Eles têm tudo, mas vivem em solidão e sem um sorriso.

Como seria bom que cada um que tem força ajudasse um seu vizinho! Mesmo um só sorriso àquele que não pode

sair à rua e escutar o que vive na solidão. Que triste é ver um velhinho fechar a sua porta pela última vez, dizer adeus a sua casa e rua para entrar num hospício! Foi com as lágrimas no rosto que assisti a uma destas amarguras. Os velhinhos franceses também sofrem do egoísmo dos outros». E assina: «Uma avó que oferece ao Senhor todas as suas forças».

A pressão bruta da nossa civilização não conseguiu perverter o sentido dos valores autênticos no coração desta avó.

Que exemplo de amor fraternal! Hino à dignidade humana e lição de despreendimento!

■ Sentimos na carne como a nossa civilização nos enrola, todos os dias, em fal-

tos padrões e numa louca inversão de valores.

És — se tens. Procura ter para seres alguém. Herança pesada e tola! E não se vislumbram grandes negas de azul que nos alimentem a esperança de sermos capazes de legar aos nossos vindouros a consciência certa dos valores que dão sentido à vida!

Vem a propósito o facto que recordo com mágoa: Num quarto dum hospital do Porto, a morrer, um homem que conheci, rico e poderoso. Num momento de perfeita lucidez, sentiu bater à porta do quarto e conheceu a voz do filho a perguntar à enfermeira: «O velho ainda não morreu?» O velhinho semi-cerrou os olhos e sofreu em silêncio. Silêncio, sei, que acordou nele a fatuidade e miséria de toda a riqueza material que legou.

Aos 17 anos este filho ia já às aulas em automóvel próprio. O pai deu-lhe sempre dinheiro e carros. Louco com os seus negócios, nem sequer pensou dar ao filho o conhecimento e a consciência da dignidade dos Outros e dos valores espirituais.

Cont. na 2.ª pág.

FESTAS no Centro do País

N. da R. — Preparar e/ou fechar uma edição d'O GALATO com oportunidade, sobre o acontecimento, nem sempre é fácil!

Aguentámos um pouco a ver se chegava — mas não veio a tempo — o material sobre os preparos das Festas na região Centro, que hoje começam no salão dos Bombeiros de Miranda do Corvo. É o primeiro-grande ensaio geral! Depois, será uma romaria pelas Beiras, consoante o itinerário já marcado para o mês de Maio: dia 1, à tarde e à noite, Teatro Avenida de Coimbra; 3, à noite, Cine-Teatro de Tomar; 5, à tarde, Salão de Festas do Casino, Figueira da Foz; 8, à noite, Teatro de Leiria; 10, à noite, Cinema Gardunha do Fundão; 11, à tarde e à noite, Cine-Teatro da Covilhã; 12, à tarde, Cine-Teatro de Castelo Branco; 18, à noite, Casa do Povo de Mira; 19, à tarde, Teatro Alves Coelho, Arganil.

PELAS CASAS DO GAIATO

Notícias da Conferência de Paço de Sousa

PARTILHA — Assinante 8632, do Porto, 1.000\$00. Assinante 8702, de Alhandra, oferta «para o irmão mais necessitado». A presença habitual do assinante 3359, do Porto. Ainda do Porto, «*Maria de Portugal*» com mensagem: «*Não é por enganar que, em 1 de Abril, envio a migalha deste mês. É consciente da dívida que tenho para com os Pobres; dívida que nunca chegarei a saldar.*». As almas grandes são assim. Vivem da e na Humildade! Avenida da Boavista, Porto, «*para uma Viúva necessitada*»: 2.500\$00 «*de uma anónima*» e 200\$00 «*de uma empregada doméstica*». Patroa e trabalhadora de mãos dadas — é o que parece!

Migalhas de velhinhos do Lar José Filipe Fialho, de Lagos: Uma velhinha que não tem filhos mas que gostaria de ser mãe das crianças da rua, 500\$00; uma mãe que perdeu dois filhos e um faleceu, o dobro; um pai que perdeu uma filha mas encontrou outra, idem; uma inválida que há muito não compra medicamentos, idem; um velhinho que não toma a bica há quatro dias, 100\$00; uma utente que partiu um braço, idem; duas irmãs muito simpáticas, idem; outra que gosta da alegria, metade; uma senhora da Rua Conselheiro Joaquim Machado, amiga dos velhinhos e das crianças, 200\$00.

Um cheque da assinante 23311, de Setúbal, e «*desculpem ser tão pouco*

mas é de todo o coração.». Pois se ele, o coração, é o motor da vida — para a Vida! O costume de Vilares (Vila Franca das Neves). Um cheque da assinante 31725, de Espinho, com um hino a O GAIATO e legenda oportuna: «*O mundo está cheio de pobreza e de miséria, mas Jesus Ressuscitado continua, e com força, a mover as almas!*» — na Paz do Senhor, acrescentamos.

Assinante 35019, da Capital, «*seguindo o exemplo de um dos leitores d'O GAIATO*», manda «*uma pequena importância para melhorar um pouco a refeição de Páscoa duma família necessitada. Digo um pouco porque é pouco; está tudo tão difícil...*». Assinante 31104, de Lisboa, valioso cheque «*por alma do único ente querido que me restava e na Páscoa me deixou.*». Quantos sufrágios cristãos são por aqui canalizados para a Pátria Celeste! «*Amêndoas da Páscoa*», do assinante 23618, da Capital, «*com os votos de que a Alegria do Senhor Jesus reine sempre.*». A «*migalhinha duma portuense qualquer, acrescida de um bocadinho mais para os «folares» desta época.*». Foi lembrança oportuna, um alívio de carga! Assinante 19035, de Alcobaça, 1.000\$00 «*para ajudar a maior necessidade*». Mas elas são tantas, tantas!... Por isso, um Casal muito amigo — Amigos da primeira hora — da Avenida da Boavista, no Porto, marcou nova presença com um vultoso cheque para a Conferência.

Um vale de correio da Avenida D. João I, Rio Tinto, com determinada intenção; e acrescenta com oportunidade: «*Se precisarem de lhe*

dar outra aplicação, façam como acharem melhor.». A Caridade, bem entendida, é assim mesmo! Outro vale do correio, agora da assinante 26471, de Algueirão, com várias intenções — cumpridas. Uma alma irrequieta (pelo Bem), de Pardelhas (Murto), comparece mais uma vez! Um cheque, de Lisboa, Rua República Peruana. Outro, da Avenida Gil Vicente, V. N. Gaia, «*para uma pessoa ou família aflita.*». Elas são tantas! Por intermédio do Espelho da Moda (Porto): assinante 22703, 1.500\$00 «*para se liquidar a conta do electricista*»; a remessa habitual da assinante 19177; um belo poema do assinante 13305 que deseja o «*juízo inteirinho na conta da Eternidade*»; a assinante 17322 com «*parte da renúncia desta Quaresma*» e a delicadeza de sempre; e, por fim, 600\$00 «*por alma de Celso*», oferta de «*duas pessoas amigas — em substituição de flores*». Eis o Mandamento Novo!

Retribuímos votos de santa Páscoa e agradecemos em nome dos Pobres.

Júlio Mendes

BEIRO

OBRAS — Andamos a construir um muro em volta da nossa quinta, que é um trabalho duro de roer. Ele é bem preciso para não andarem cá a cheirar dentro... Lá anda o nosso tractor a transportar a pedra, enquanto outros preparam o cimento para o muro que já está quase pronto.

VACARIA — Na vacaria anda tudo normalmente. As nossas vacas continuam a dar o leitinho que é pouco, mas sempre temos algum — graças a Deus.

Mais uma vaca deu à luz um filho com boa saúde. É uma vitelhinha, junta a mais quatro vitelos já nascidos há pouco tempo.

Estamos agora à espera de outra vaca que vai ter bebé.

FRUTA — As nossas laranjas, este ano, estão um bocadinho frouxas, secas pela geada e algumas até podres.

Um dos nossos comeu uma estragada e passados alguns dias andou a queixar-se do estômago.

Se não fosse o chá que a senhora lhe deu...!

A Casa do Gaiato do Tojal ofereceu-nos 15 caixas de laranjas. Que ricas elas são!, boas e saborosas que até fazem crescer água na boca... Para a comunidade do Tojal, os nossos agradecimentos.

«Palhaço»

Paço de Sousa

PASCOA — Tivemos uma Páscoa muito feliz, graças a Deus. E uma Semana Santa bem organizada.

A preparação espiritual foi orientada pelo Padre João, da Consolata, que nos deu pistas de reflexão para vivermos o melhor possível a grande festa da Ressurreição.

Na quinta-feira, antes da celebração eucarística, o nosso Padre Manuel preparou-nos para o sacramento da Reconciliação. E, após a santa Missa, partilhámos a nossa ceia com alguns Pobres da freguesia — como é costume.

Na sexta-feira celebrámos a Via-sacra e a adoração da Cruz. No sábado, à noite, participámos na Vigília e na Missa pascal com todo o cerimonial.

Recebemos o *Compasso*, no domingo de Páscoa, em todas as residências da nossa Aldeia, e não faltaram amêndoas nas mesas do nosso refeitório.

DESPORTO — Está a ser preparado o nosso campo de ténis, como já tínhamos anunciado.

O campo de futebol também está pronto e já começámos a disputar encontros com equipas de fora. No

dia 14 houve o primeiro jogo entre uns amigos da Pigalle.

Também já temos ginástica orientada por um professor especializado.

AGRO-PECUÁRIA — Chegou a Primavera e todos nós gostamos dela, que nos dá verdura nos campos, muitas flores nos jardins e bom tempo para que possamos gozar da melhor maneira as belezas da Natureza que a nossa Aldeia nos proporciona.

Ainda não semeámos as nossas batatas, mas não tardará a chegar o tempo mais apropriado para essa tarefa.

Estão agora a fazer leiras, na mata, para uma vinha.

Temos abelhas, não muitas, mas no futuro serão mais. Também temos muito gado, vacas e alguns vitelos.

Manuel Augusto («Chinês»)

Educação e problemas sociais

Cont. da 1.ª pág.

a qualquer talher orçamental nas Cozinhas Burocráticas».

A esta idealização do funcionalismo como destino almejado pela preparação escolar, que era pecha do seu tempo e não sei se será ainda (hoje diríamos, talvez, o sector terciário...), António Sérgio contrapõe «*aquele impulso vitalizante que a sociedade não dá à Escola porque ela própria o não contém*», mas seria dado, «*sujeitando as crianças às exigências espontâneas de uma sociedade progressiva, com o pró de que na sociedade infantil podemos nós suprimir as tendências patogénicas que intoxicaram a nossa adulta. Essas salubres condições estão mais ou menos resumidas na divisa Nada sem trabalho — nada que se não firme em um esforço pessoal criador e disciplinado; nada que não resulte das exigências normais de uma comunidade de trabalho, de justiça e de cultura.*».

Este «*impulso vitalizante*» capaz de arrancar do ponto-morto em que se jaz, a caminho de uma sociedade nova, progressiva, tem de partir de alguém. Quem mais vocacionado para tal do que aqueles que no Ministério da Educação têm assento para se debruçarem sobre este problema da Escola Nova em que se radica grandemente o futuro do País? Em quem devem estes encontrar um apoio mais apaixonado senão nos professores que não idealizam a sua missão «*adentro de um guichet, impingindo conhecimentos*» avulsos, sem objectivos diversos, mas bem determinados?

Por isso, eu recomendava a uns e a outros a leitura atenta e reflectida e certamente inspiradora, das breves cem páginas deste importante livro.

Ou será que os 25.000 exemplares tirados são apenas outras tantas bandeiras para agitar o nome do seu Autor ao serviço de qualquer oportunismo?!...

Padre Carlos

Notas da quinzena

Cont. da 1.ª pág.

Somente a concepção materialista da vida.

Assisti, ainda consciente, à saída do filho sem, pelo menos, um simples olhar!

● De novo pela calçada íngreme e escorregadia de Miragaia. Subimos depois os degraus do Bairro do Padre Américo — 22 casas nos socacos da encosta sobre o Douro.

Desta vez, a casa e família da D. Conceição. Tem duas filhas deficientes mentais profundas e uma delas, cega. Dois bebés grandes e difíceis! As horas mais duras são as das refeições. Choram sempre. Há vinte anos que esta mãe sofre, nas três longas horas, para obrigar as filhas a comer!

A qualquer hora se pode entrar no quartinho modesto — sempre limpo, arrumado e elas em ordem.

Que mãe! Mãe dum amor puro. Nada espera. Total dádiva gratuita de seu coração maternal!

Esta mãe é digna de figurar



APELO

Sereno e retraído

Com o olhar cabisbaixo

O jovem pensa o futuro

Com desespero por baixo.

Pensando no bom sentido

Para que possa sorrir,

No entanto vê o presente...

E não consegue dormir.

A guerra torna-se um monstro

Na fome nem vou falar,

Levanta a cabeça e diz:

— Já não sei em que pensar!

Na reticência da vida,

No enfurecer dos canhões

Redobremos nossas forças

E o amor, nos corações.

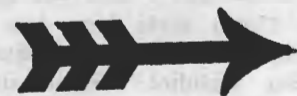
Não dependas a fraqueza

Na luta da plenitude,

É este o apelo que faço

No «Ano Internacional da Juventude».

Sérgio



Vistas de dentro

Decorreram entre os dias 22 e 24 de Março as «Jornadas de Estudo sobre Lares de Crianças e Jovens». Demos a nossa pequenina contribuição. Estas Vistas de dentro são o breve resumo do contributo para estas Jornadas. Pai Américo fala. **Pai Américo está vivo. São Vistas de dentro para fora.**

A Obra da Rua — e, dentro dela; a Casa do Gaiato — foi um segredo confiado por Deus a Pai Américo.

O sofrimento das crianças abandonadas, sem família, sem carinhos, sem amigos fez nascer no seu coração de Padre a força para **as amar até ao fim**. Percebeu que estas crianças precisam de quem se lhes dedique incondicionalmente. Por isso o sacrifício de cada hora é parte integrante da vida destas Obras.

Pai Américo dizia que a Obra da Rua não é dos escolhidos, é dos rejeitados. E, se o ambiente natural onde nasce, cresce e amadurece a pessoa, é a família, as Casas do Gaiato devem, tanto quanto possível, ser os Lares — Lares de família — para os que a não têm. Sim, Lares de família com tudo o que a palavra contém em espaços físicos e de coração.

O objectivo da Obra da Rua é «fazer de cada rapaz um homem», dizendo a verdade, «amando, amando, amando até à renúncia, até à morte. **Amando! Obras de amor fazem-se por amor: Como a mãe dá o peito ao seu filhinho.**»

Ninguém é tão sensível como as crianças à verdade e à justiça. Por isso, Pai Américo deitou a mão às armas mais adequadas para curar as crianças das feridas do solavanco do mundo: o carinho, a verdade, a justiça. São princípios que nem o tempo nem o espaço desgastam. São perenes. São a resposta mais eficaz ao mundo desfeito do coração das crianças que buscam um Lar.

Pai Américo tinha a convicção de que só era possível «fazer de cada rapaz um ho-

mem» actuando através da própria criança. Escolheu para lema da Obra da Rua: «De Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes». Pelos rapazes, sim: «Nós no campo, nós nas oficinas, nós nas escolas, nós na vida doméstica, nós, enfim, em tudo». Quanto respeito pela personalidade de cada um encerra este lema!

Mas este objectivo só se atinge buscando os valores da vida familiar. Pai Américo sentia, entendia o apelo profundo de cada criança ao amor da mãe e todo o seu trabalho foi orientado pelo respeito das exigências da alma de cada criança. A Obra da Rua há-de, por isso, ser a Mãe para aqueles que a não têm ou tendo-a não serve. Deste modo, a criança será naturalmente feliz. A Obra da Rua há-de dar-lhes esse amor que não tinham, através de um ambiente de família. «Somos a Casa de família dos sem-família». Os rapazes são verdadeiramente filhos que vivem livremente como filhos, à roda da Mãe que os criou.

Não há dúvida que o ambiente familiar transforma e convence as crianças.

Ambiente de família em espaços físicos. As casas em que vivem são de tipo familiar: sua independência; sua intimidade. É que «a desgraça de não terem Lar não lhes furta o amor ao Lar».

Ambiente de família em que «nos braços dos maiores aninham-se os mais pequeninos». Os mais velhos cuidam dos mais pequenos e estes dão aqueles a ternura de irmãos mais novos.

Pai Américo põe num parágrafo as características do ambiente que deve existir numa Casa assim: «Tratar com amor e delicadeza os próprios filhos. Muitas vezes, os métodos falam. O esforço naufraga. Só a pedagogia do amor: Amor de família. Respeita-se o rapaz. Lapida-se a sua personalidade sem a pretender modificar, muito menos destruir. O rapaz há-de achar-se. Ele há-de dar fé. Nós respeitamos».

É verdade que para o rapaz

sem família só dá bem o ambiente de família. Os rapazes chamaram-lhe Pai. A pedagogia para ser autêntica «supõe sempre uma pujança de vida comunitária feita de relações muito vivas, muito íntimas entre o educador e o educando. É essa estreita comunicação que no seio de qualquer comunidade educativa gera clima afectivo sem o qual não há educação».

É isto mesmo que a Obra da Rua procura viver, porque «sabemos muito bem que aqueles que perderam os pais, não perderam de maneira nenhuma o gosto de serem filhos». Assim: O interesse pelos grandes e pequenos problemas de cada um gera comunhão de vida. A preocupação de ver os rapazes felizes. Acreditar nas possibili-

dades dos filhos: «Fazer de cada rapaz um homem é fazer um acto de fé. É que eles são portadores de uma riqueza incommensurável.

Fazer de cada rapaz um homem, oh missão sublime de educar! Oh segredo divino de transformar o pequenino farrapo da rua em homem de bem!»

Há-de ser num clima de amor, num quadro em que as orientações e as exigências são personalizantes, num ambiente de intensa vida comunitária, mas no qual cada rapaz é individualizado que se procura ajudar o rapaz a ser um homem de bem. Um homem de bem é um homem livre na responsabilidade. «Somos a Porta Aberta» — disse Pai Américo.

Padre Manuel António

Do que nós necessitamos

Uma nota de mil, chocolates e rebuçados de uma nova assinante de Gafanha da Nazaré. Como é habitual, os empregados da sede do B. B. I., do Porto, quiseram estar presentes com 63.500\$. Dois emigrantes, da Alemanha: um, com 26.575\$; outro, com 10.000\$. No mesmo dia, um senhor com um envelope muito dobradinho entrega 50.000\$00 a um dos nossos Padres que logo distribuiu parte por uma Viúva, de Lagares, que tinha e tem os filhos doentes.

Casal Areias, 8.300\$00; mais 500\$00, de V. N. de Gaia, «por graças recebidas»; para que «Deus se compadeça da Humanidade e acabe com a fome, a guerra e a violência, especialmente tudo o que implique falta de amor ao Próximo», é a oração de Emília, de Linda-a-Velha, acompanhada de três mil escudos de renúncias. Metalúrgica de Espinho, 200\$; de quem compra o «Famoso» na Figueira da Foz e o lê de fio a pavio, 2.500\$; com o pedido «de uma oração de todos nós» pelo seu aniversário, cinquenta notas de mil; Costureiras do Hospital de Santo António, do Porto, 12.500\$00; mais 300\$ da mesma cidade e outro tanto de uma anónima de Alcobça. Algumas notas de mil de uma reformada da Caixa Têxtil e a alegria com que nos fala do que lhe vai na alma por nos poder ajudar e ainda outros que necessitam. É o Óbulo da Viúva de que nos fala Jesus. E aquele reformado que deixa no Espelho da Moda, à rua dos Clérigos (Porto), todos os meses, 300\$00 com muito amor e persistência. É um herói! O Mundo necessita destes heróis de amor. Cinco mil escudos «por amor de Deus e dos vossos pequeninos» — outro acto de amor. Daquele senhor que veio fazer contas do último livro que safu da nossa Editorial: dez notas de mil e o restante, disse, é «para darmos as nossas publicações a quem não as puder pagar». Outro acto de amor ao Próximo. Mais 10.000\$00 para as férias dos nossos rapazes: «Eu estou em férias e queria que

todos as pudessem gozar e como não posso valer a todos deixemos aqui este contributo, símbolo da amizade que tenho pelos vossos rapazes».

Era um sábado de manhã. Uma cara conhecida entra no escritório e entrega um envelope, bem dobradinho, com 15.000\$00: «É o meu contributo para as vossas necessidades que devem ser tantas — e estas a pôr isto tão bonito com as últimas obras!...» 50\$00 de uma menina da Póvoa de Varzim: «É pouquinho mas os meus pais são pobres». Que o Pai do Céu te faça feliz pela vida fora e te dê sempre a alegria de partilhares o amor com os teus pais e todos os que precisam. «O vosso jornal faz Luz e toca os nossos corações. Ele não é por si mesmo que vale, mas, sim, pelo que defende e ama» — palavras de Maria Antónia que chegou até nós com 4.500\$00. Assinante 29406, também uma Maria Antónia, 30 mil para o Calvário e menos dez para as nossas necessidades. Mais 3.700\$ de um convívio de terceira idade da Associação Nuno Álvares de Campanhã. Ficamos tão contentes quando vemos os mais idosos compartilhar connosco! A juventude de mãos dadas aos jovens de mais idade. Cheque de 3.000\$ de um Manuel, outro tanto de um Zé do Porto, e 8.000\$ de uma amiga da Obra, também do Porto. M. Miguel, da Guarda, doze notas de mil; Alzira e Henrique, mil; Maria Elsa, sete notas de D. Pedro; doze de António Sérgio por mãos de Isabel Gentil; Casa Abílio Marques, 15.000\$; Lfgia, de Fiães, 1.500\$00; Lídia, de Alcobça, 2.000\$; mais 300\$00 de Angelina, Raquelina e Alexandrina. Maria Assunção, da Cidade Invicta, 51.000\$ para a assinatura d'O GAIATO e para taparmos um buraco mais urgente. Assinante n.º 22.838, dezasseis notas de mil. Assinante 29430, de Tondela, 15.000\$. Albano Jesus Amaral, Lda, 20.000\$00.

Fernando Dias

AQUI LISBOA!

«Ninguém mais do que nós gosta de ver avenidas, jardins e palácios, mas tudo é fachada de mentira se por detrás de tudo isso se não levanta igualmente a sorte dos que não têm casa nem pão.» (Pai Américo)

Em plena Semana Santa, já de noite, apareceram-nos dois casais, com dois filhos cada, a pedir comer e dormida. As Senhoras e os Rapazes providenciaram. Não chegámos a vê-los. Dirmos que a «estrutura» funcionou, para lá dos nossos íntimos receios, ante os «golpes» de que, não raro, temos sido vítimas. Na manhã do dia seguinte continuaram o seu caminho.

Há dias apareceu-nos um homem ainda novo, aí pelos trinta e tantos anos. Queria que lhe arranjasse casa, para si e para a família, mulher e dois filhos. Veio de Angola, a tal das terras por onde corria leite e mel e há, agora, só desolação e fome. Calámo-nos por não sabermos responder, ficando a pensar na exemplaridade da descolonização e do refastelamento dos seus autores, talvez no quente das suas mãos, alheios à miséria de milhares.

Senhora amiga, presença semanal em nossa Casa, falou-nos de idêntica situação de dois irmãos octogenários, vivendo numa barraca, ele acamado há longo tempo, escariado, sem fala e alimentando-se por uma palhinha. Ela, apesar dos anos, assumindo as suas responsabilidades e mantendo a maior limpeza na sua precária habitação. Quisemos interná-los, mas até ao momento nada foi conseguido.

De maneira telegráfica aí ficam três casos para todos neles meditarmos. Dá muito sofrimento vermos situações desse tipo, mas, pior ainda, quando não lhes podemos dar resposta.

Andam os Homens Públicos exuberantes com a entrada para a CEE. Parece que vem aí o paraíso terreal com o bacalhau a pataco e não sabemos o que mais... Simplesmente, não nos iludamos nem façamos demagogia. Se a mentalidade dos homens que nos governam não mudar, bem assim a da maioria da população, o desafio lançado de nada servirá e, até, por só enxergarmos os aspectos económicos da adesão, tudo resultará em falhanço e frustração.

Trabalhar afinadamente, servir com paixão as camadas menos favorecidas, expurgar a corrupção e o nepotismo, assegurar o respeito por pessoas e bens, tomar as medidas indispensáveis sem atender a clientelas ou grupos, eis o que se exige de cada homem responsável. Então, a adesão terá sentido e as suas potencialidades serão transformadas em actos salutarres de bem-estar social e individual. Sim, porque a CEE não é, por si, coisa que se coma, dê habitação ou redunde em felicidade. Mais uma vez: não nos iludamos.

Continuamos a receber novas assinaturas para O GAIATO, o que muito nos agrada. Tudo é simples quando se tem boa vontade ou se ama. Bem hajam!

Padre Luiz

— para exemplo e exaltação do verdadeiro valor humano — em primeira página. A sociedade não gosta. Alimenta-se doutros padrões, que, insensivelmente, distorcem a nossa mentalidade.

Valeu a pena que Pai Américo tivesse construído este bairro, simplesmente, pela heróica e ternura maternal desta mulher.

Não é a beleza e a força ou o ser dono dos prédios altos numa rua... Vale o Homem, filho de Deus, digno e fraterno.

Terminamos estas notas com as palavras do Papa João Paulo II aos jovens:

«Que tipo de Homem queis ser?»

Que tipo de Cultura queis construir?»

Padre Telmo

A CASA DO GAIATO DE PAÇO DE SOUSA

N. da R. — São já 42 anos — uma vida!

Pois do fundo do nosso coração, marcado no pequeno núcleo de «pioneiros» que, entre Maio e Agosto de 1943, viemos da Casa-mãe de Miranda do Corvo fundar a Casa do Gaiato de Paço de Sousa, concretizar um sonho de Pai Américo, muito teríamos para dizer neste dia, nesta hora — sempre!

Este apontamento não é lembrança por lembrança, efeméride por efeméride, tampouco saudosismo. Viver o Passado não é estagnação, mas adubo que fertiliza o Presente, o Futuro.

Por isso, quem melhor do que Pai Américo — como noutros tempos os nossos avós ao redor da lareira... — para nos contar a seu modo, no seu estilo peculiar, a história sumária da nossa arrancada em Paço de Sousa?!

Aí vai ela com o Fogo da primeira hora, transcrita do livro *Obra da Rua*, especialmente dirigida à natural curiosidade de centenas de novos leitores e assinantes do **GAIATO** — que desconhecem a evolução da nossa Obra.

A Casa do Gaiato de Miranda do Corvo, também conhecida por Casa do Gaiato de Coimbra, forneceu os necessários elementos de estudo, colhidos na vida do próprio rapaz da rua, mercê do à-vontade com que ali deram provas de sobejo. Importava alargar a Casa para receber mais garotos. Os pedidos de admissão afluíam e da mesma sorte o vadiozito apresentava-se por si mesmo, a pedir que o deixassem entrar.

● O objecto da minha paixão — dar uma pátria aos «estrangeiros» que vivem nela

(...) Uma quinta espaçosa é o motivo principal da Obra da Rua. Ela é a fonte caudalosa de trabalho, de receita, de alegria. O contacto com as coisas da Natureza é um tónico espiritual que penetra e invade o ser desta pequenina fauna.

(...) O objecto da minha paixão é dar uma pátria aos estrangeiros que vivem nela; dar uma lei aos deles que vivem à margem da lei; marcar lugar e pôr a mesa aos que vivem sem talher. Dentro da mesma paixão, encontrei o meu equilíbrio: Se gratuitamente me fora dado o sentido dos males alheios, gratuitamente me obriguei ao trabalho de os aliviar, porquanto, àqueles a quem muito se dá, muito se pede.

● A cidade do Porto campo extenso de observações

A cidade do Porto fornecia campo extenso de observações, sempre que por lá passava. Logo à saída da estação de S. Bento dava de cara com a chusma dos maltrapilhos, ou cónsules da minha gente que, não sei porque bulas ou sinal, dirigiam-se a mim, confiados, a relatar suas necessidades mais instantes — a grande, a única daquele momento: comer! Eu conhecia mal a cidade; também não queria dar muito nas vistas. Trocava algumas palavras ligeiras e discretas com os farrapões e seguia-os a distância até à primeira tasca.

— Ali há iscas, senhor abade!...

O pequenino da rua tem os sentidos apuradíssimos; eles são as suas armas de defesa. Com eles espregueira, procura,

foge. Vigia o tempo, as ocasiões, as pessoas. A rua é um escola de acuidade, de precisão.

Daí a nada eu era conhecido da tropa e venerado. Já não é na estação; é mais além, em sítio ermo, que o pequenino se aproxima e conta a sua tragédia. Sei aonde e como vive. «**Eu fico nas retretes, senhor abade!**» Sei da família. Sei dos costumes. É tal o desejo que eles experimentam de que alguém no mundo oiça a sua história, que as iscas e a tasca não têm lugar na conversa. É preciso lembrar-lhes: — Queres comer?

● A rua — escola prática dos vícios

Estava indicado um local nos arredores do Porto para lançar os fundamentos de uma réplica fiel à Casa do Gaiato de Coimbra. O Porto, dizia eu comigo mesmo, há-de compreender. Há-de auxiliar. Há-de responder. Não podia ser dentro dos muros da cidade. Fora. Longe. Os filhos de ninguém contraem graves doenças nas ruas que só se curam com a distância delas. Doenças da alma, as mais delicadas, as mais difíceis de curar. Eles vêm de um meio onde os valores andam invertidos. A rua, principalmente nas grandes cidades, por ser escola prática dos vícios, imprime-lhes no espírito o natural desprezo pela virtude. Os bons, para eles, são os maus. Se há um perverso, é o melhor de todos. É obra muito difícil colocar as coisas no seu lugar! Temos de lançar mão e de aproveitar os incidentes da vida doméstica, os mais pequeninos, os mais caseiros e com eles levar o pequenino a reflectir, a compreender, a amar o bem. Temos de ter à nossa disposição os grandes e poderosos auxiliares do nosso sistema de educar esta classe de gente: o campo, as aves, as flores — uma quinta.

● A antiga cerca dos monges beneditinos de Paço de Sousa estava à minha espera!

Apareceu-nos a antiga cerca dos monges beneditinos de Paço de Sousa, a uns 30 quilómetros da cidade do Porto. Não a procurei. Estava ela de que- do à minha espera! Um incêndio havido, anos antes, levou

FEZ 42 ANOS

os que ao tempo ali habitavam a outras paragens. O musgo, as silvas, os morcegos, o abandono — estavam ali. Uma sentença do Supremo Tribunal de Justiça declarou que a propriedade não era património do Estado, tão pouco de quem a usufruía. Hoje, chama-se e é a Casa do Gaiato.

Em 20 de Abril do ano de 1943 tomei conta do espólio. No dia 27 começava-se a demolir o antigo dormitório dos frades e, logo a seguir, na parte mais alta da cerca, dezenas de pedreiros cantavam às pedras das casas em construção.

Ardeu Tróia! «O quê?! Demolir as sacrossantas pedras do convento e trazer a crápula para uma terra tão linda?!» Críticas, reparos, dúvidas, reticências, acusações — lógica e natural reacção da mediocridade.

● Os fundadores da Casa do Gaiato de Paço de Sousa

Em 31 de Maio de 1943 chegam da Casa do Gaiato de Miranda do Corvo três pioneiros da Obra: o António, de Celorico; o Amadeu, de Elvas; e o Adolfo, de Coimbra. Instalamos todos em uma dependência do antigo cenóbio que ficou de pé, para tradição.

(...) Em Agosto de 1943 chegam mais obreiros. Vêm da Casa-mãe. São os fundadores da Casa do Gaiato de Paço de Sousa. Por esse tempo tomámos conta do amanho da quinta; foram-se embora os caseiros que a fabricavam. Compra-se mais gado, alfaias e sementes. Começamos a cultivar os campos na sua totalidade. Grandes jeiras de terra negra cobrem-se de tapetes de pão. Os rapazes deliraram com a vida a germinar. Dizem coisas aos frutos pendentes. Falam ao gado nos pastos. Lavam os calos das mãos em grandes bicas de água, antes de entrar no refeitório. Sente-se uma pequena colónia de pequeninos trabalhadores organizados, com as horas ocupadas na vida de campo, de escola, de oficinas — horas para tudo. Vive-se a exuberante alegria que promana do lume da lareira. Os cozinheiros lembram à senhora qualquer prato especial que os rapazes gostariam de comer amanhã. O despenseiro gosta de receber ordens nesse sentido. Os refeiteiros passam palavra à malta: — Amanhã temos batatas!

● As primeiras moradias da nossa Aldeia

Não vivemos a vida tenebrosa das pautas e dos regulamentos. Dispensou-se o zelo maior saber do funcionário de profissão. Fizemos um pequenino mil seiscentos e quarenta dentro de Portugal e arvorámos a ban-



Aboliu-se o sistema de caserna por ser contra a natureza da Criança. Construíram-se vivendas de ar e luz..., que dêem, a eles, o verdadeiro sentido da dignidade humana. O belo, por ser reflexo da Beleza Incrédula, tem dentro de si mesmo um grande poder educativo. Sem beleza toda a pedagogia é morte; nem o próprio Evangelho realça.

deira da independência com a divisa: **Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes.**

Entrementes, emergem da terra as primeiras moradias da nossa futura Aldeia. Aboliu-se o sistema de caserna por ser contra a natureza da Criança. Construíram-se vivendas de ar e luz, para famílias de 9, de 14 e de 20 rapazes. Uma Casa que verdadeiramente interesse os seus simpáticos e irrequietos habitantes. Que lhes inspire amor ao asseio. Que lhes dê o verdadeiro sentido da dignidade da pessoa humana. O belo, por ser reflexo da Beleza Incrédula, tem dentro de si mesmo um grande poder educativo. Digo mais: Sem beleza toda a pedagogia é morte; nem o próprio Evangelho realça.

● Depressa tomou forma a ideia de um quinzenário — O GAIATO — que dissesse ao mundo quem somos

A ideia de um quinzenário que dissesse ao mundo quem somos e onde vivemos, depressa tomou forma; e o **GAIATO** espalhou-se num instante. É devorado: «**Eu leio-o de ponta a ponta!**» — eis a exclamação dos assinantes que se apresentam por carta ou de viva voz. Gaiatos dos nossos vão às cidades vender. O Povo fulmina-os com perguntas de toda a ordem. Trazem assinantes. Trazem donativos. Provocam o espanto:

— Mas como pode ser isto?!

— Olhe, vá a Paço de Sousa...

— respondem os mais finórios.

A cidade do Porto pára, escuta, medita, determina-se. É-nos oferecido o edifício da Capela. O senhor a quem o fui pedir só teve uma palavra: — **Muito obrigado por se ter lembrado de mim.**

Da mesma sorte e pelo mesmo preço veio um donativo de 40 contos para o edifício da nossa enfermaria. O das oficinas seguiu na mesma esteira.

Ai Porto, Porto, quão tarde te conheci!

(...) Nós somos trabalhadores de primeira linha... O nosso sistema exclui todo e qualquer pessoal auxiliar. Os orientadores são em muito pequeno número e a sua acção é agachada.

● É necessário deitar por terra os velhos métodos da Assistência

(...) É necessário deitar por terra os velhos métodos da Assistência, aonde não falta quem vá dirigir os rendimentos e interesses das Casas — nem sempre a bem e para bem dos dirigidos. Afigura-se-me que o rendimento social é formar e escolher, de entre os que necessitam de nós, os futuros mestres de vida. Há-de ser a massa.

Virá tempo, cuido eu, em que me não-de pedir encarecidamente para aceitar quintas para a Obra e pode muito bem acontecer que eu as recuse. Se não tiver rapazes para os trabalhos, e enquanto os não tiver, não as aceito.

A nossa moeda forte, o nosso estímulo de vida, a nossa defesa da miséria é justamente o trabalho e este das nossas mãos. Outros rendimentos são falsos e causam a assistência falsa que por aí se vê.

Se a nossa instituição viesse a possuir fundos ou propriedades de rendimento, tanto bastaria para logo aparecer a legião dos que desejam ser o primeiro; que as empresas ricas são muito boas de governar.

D. Américo!

Director: Padre Telmo. Chefe de Redacção: Júlio Mendes
Redacção e Administ.: Casa do Gaiato-PAÇO DE SOUSA-4560 Penafiel-Tel. 952285
Comp. e impressão: Escolas Gráficas da Casa do Gaiato-Paço de Sousa-4560 Penafiel